

BOLETIM
DA
ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR



Pelo Reverendo Monsenhor Manuel Amorim

TRADIÇÕES POVEIRAS DO CICLO PASCAL

Começo por esclarecer o que, no presente escrito, se deve entender por ciclo pascal. Nada tem a ver com o ciclo litúrgico da Páscoa, mas todas essas tradições populares que andam intimamente ligadas aos acontecimentos bíblicos que antecedem e preparam a festa da Páscoa cristã.

Para as crianças do meu tempo, a proximidade da Páscoa assinalava-se com a típica procissão das "alinternas", a única em que os pais consentiam uma saída á noite. Mas, para o merecer, havia-mos de construir uma lanterna de papel grosso ou cartão com pinturas alusivas à paixão de Jesus, coroas de espinhos, pregos, lanças, cordas, cruces, etc. Os filhos dos pescadores também desenhavam barcos, navios, peixes e redes nas suas lanternas. O que mais nos inquietava e divertia era conseguir manter o facho aceso durante todo o percurso da procissão. – “Olha, a minha não se apagou! Uma glória e uma benção! –A do Fumega apagou-se logo depois do hospital! Uma derrota e uma maldição!” Neste tipo de despiques distribuía-se umas tantas caneladas, as únicas marcas visíveis dos tormentos do Senhor!

Outro cortejo religioso que juntava inumerável criançada era a procissão dos Ramos com a benção dos mesmos no pórtico da igreja da Misericórdia. Se a maior parte levava a benzer ramos de oliveira, outros ostentavam lindas palmas com as folhas encasteladas e presas com laços de seda. Com estes denominados “palmitos” aconteciam cenas caricatas e, diga-se, pouco edificantes num cortejo religioso. Alguns rapazes, já espigadotes, entretinham-se a cocegar as orelhas abanicadas de velhas pescadeiras que eles conheciam por soltas de língua e a resposta saía imediata e faíscante:- “Seus mafarricos, brazabuns, judeus iscariotes, filhos do pecado...” e a ladainha continuava enquanto o energúmeno apertava entre os queixos uma explosiva gargalhada.

Alegria verdadeira chegava com os “Aleluias” do Sábado Santo ou da Ressurreição. A moçarada juntava-se às centenas no adro da Matriz, de campainha na mão, à espera que se ouvissem os sinos tocar e o estalejar dos foguetes anunciando a Ressurreição de Jesus. Depois, dividiam-se em grupos, correndo cada um para o seu bairro, agitando furiosamente as campainhas, a levar o anúncio festivo. Quando calhava de uma janela se abrir e uma manada de confeitos ser lançada para o grupo que passava em correria, era um deus nos acuda com tanto empurrão e pontapé, mais alguns inocentes palavrões de premeio, para a conquista de um tão insignificante troféu. O Sábado de Aleluia oferecia-nos, ainda, outro momento de euforia com a Queima do Judas, boneco de palha vestido com roupas comuns que se dependurava, de corda ao pescoço, num tronco de árvore no largo mais amplo do bairro. Pela noitinha, juntavam-se os curiosos e quando aparecia o cauteleiro Baptista fazia-se silêncio para ouvir ler o Testamento do enforcado.

Ao amigo Zé da Mata
Que é um tasqueiro de bem
Deixo-lhe toda a minha manha
Para juntar à que já tem.

Finda a leitura, procedia-se á Queima do boneco por entre o gaudério dos curiosos que atingia o seu máximo quando rebentavam as bombas de foguete previamente escondidas nos bolsos da vestimenta. Também o destino lhe era sentenciado: “-Vai-te, pai da mentira, para o profundo dos infernos!”

No fim da paródia todos regressavam a casa para comer os restos do caldo de castanhas piladas, ceia obrigatória da noite anterior. Pela noite dentro prolongava-se o serão daquele Sábado santo, com a azáfama desusada na cozinha na preparação dos ovos para o foliar da Páscoa. Cozer os ovos, preparar as tintas e fazer a decoração era tarefa que se estendia até altas horas.

O ovo aparece como o produto natural mais ligado à tradição pascal. Não será a isso estranho o notório sincretismo entre o mistério da ressurreição de Jesus e o mistério da vida que se esconde sobre a frágil casca de um ovo? Tal não escapou à sensibilidade artística dos pintores do renascimento quando dão ao túmulo de Cristo uma forma ovóide.

O ciclo pascal atinge o seu ponto central com a festa da Páscoa que se repartia em dois tempos: o da manhã, destinava-se à recolha do foliar dos padrinhos; o da tarde, a receber o Compasso. O foliar resumia-se, em geral, a uma rosca de pão de trigo ornamentada com rosquilhos, pombinhas, lagartos e cobras, maior ou menor conforme as posses dos padrinhos. A simbologia decorativa anda ligada às crenças da fertilidade.

Pelo meio da tarde chegava o Compasso, recebido à porta pelo patrão da casa. Na sala já estava reunida a família que, de joelhos, beijava a cruz, apresentada pelo mordomo, enquanto o sacerdote aspergia a casa com água benta e recitava a benção ritual. Os outros acompanhantes recolhiam o foliar do padre, composto por ovos tingidos e ovos crus variando a quantidade com as posses do casal. Na mesma, ou noutra salinha ao lado, estava preparado o “agasalho” da comitiva para o qual era convidada pelo patrão enquanto o mordomo de S.Pedro recolhia na saca as esmolas dos presentes. Findo o beberete, o Compasso seguia para a casa do vizinho já avisado pelo toque festivo das campainhas.



Na Póvoa de Varzim, o ciclo pascal complementa-se com a Ida ao Anjo. Toda a gente e, em particular os mais novos, munidos de suculentos farnéis dirigem-se, logo pela manhã, em direcção à freguesia do Anjo(Argivai) procurando entre as carvalheiras e os sobreiros um espaço limpo onde possam comer, descansar, brincar, dançar, etc. passando o dia em alegre convivência e gozando os favores da natureza.

No outro dia recomeça a vida.

Aleluia, aleluia...